

## A CONFIGURAÇÃO DOS ELEMENTOS REGIONAIS NO RESGATE DA IDENTIDADE CEARENSE NO ROMANCE *AVES DE ARRIBAÇÃO*

Jaqueline de Jesus BEZERRA<sup>1</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte  
linnebezerra@gmail.com

Tiago Nascimento SILVA<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte  
tiagonascimentosilva2017@gmail.com

Joelma Uchoa PINHEIRO<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte  
joelmauchoapinheiro@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo analisa, no romance *Aves de arribação*, de Antônio Sales, como a construção estética apresenta os elementos regionais como aspectos de resgate da identidade cearense, através das raízes culturais, considerando, para isso, os meandros de complexidade da questão regionalista. Realizou-se um estudo bibliográfico baseado, sobretudo, na perspectiva de Silva (2012), para quem a identidade constitui-se cultural e socialmente pelos indivíduos no contexto em que vivem, dentre tantos fatores, por intermédio dos atos discursivos, e é formada a partir de diferenças que se sustentam através da singularidade dos grupos identitários. Sobre o regionalismo, partiu-se, principalmente, dos postulados de Azevedo (1982), o qual afirma que o caráter regional de uma obra consiste em fixar costumes, tipos, linguagens, crenças e tradições de uma determinada região, cujos ambientes retratem um estilo de vida peculiar a ela. Foram analisados 12 excertos do romance, que mostram a vida simples de Ipuçaba, cidadezinha cearense, e descreve hábitos, figuras típicas, eventos da vida cotidiana da cidade, além da cor local, representada a partir da paisagem sertaneja. Todo esse panorama configura características regionalistas que, de certa forma, buscam um resgate da identidade regional, em uma leitura estética na qual a dimensão cultural da localidade se encontra profundamente marcada.

**Palavras-chave:** regionalismo; elementos regionais; identidade; literatura cearense.

### THE CONFIGURATION OF REGIONAL ELEMENTS IN THE RESCUE OF CEARÁ'S IDENTITY IN THE NOVEL *AVES DE ARRIBAÇÃO*

**ABSTRACT:** This article analyzes, in the novel *Aves de arribação*, by Antônio Sales, how the aesthetic construction presents regional elements as aspects of the recovery of Ceará's identity, through cultural roots, considering, for this, the complexities of the regionalist issue.

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN e professora da Rede Estadual de Educação do Ceará.

<sup>2</sup> Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, professor da Universidade Regional do Cariri e da Rede Estadual de Educação do Ceará.

<sup>3</sup> Mestra em Ensino pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN e professora da Rede Estadual de Educação do Ceará.

A bibliographical study was carried out based, above all, on the perspective of Silva (2012), for whom identity is culturally and socially constituted by individuals in the context in which they live, among many factors, through discursive acts, and is formed from differences that are sustained through the uniqueness of identity groups. About regionalism, we started, mainly, from the postulates of Azevedo (1982), who states that the regional character of a work consists in establishing customs, types, languages, beliefs and traditions of a certain region, whose environments portray a style of life peculiar to her. 12 excerpts from the novel were analyzed, which shows the simple life of Ipuçaba, a small town in Ceará, and describes habits, typical figures, events in the city's daily life, in addition to the local color, represented from the countryside landscape. This whole panorama configures regionalist characteristics that, in a way, seek to rescue the regional identity, in an aesthetic reading in which the cultural dimension of the locality is deeply marked.

**Keywords:** regionalism; regional elements; identity; literature from Ceará.

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura não se constitui como uma reprodução da realidade objetiva. Ao contrário disso, ela corresponde a um tipo de constituição estética dentro da qual a percepção singular da realidade, mediada pelo arranjo particular da linguagem, estabelece uma proposta *sui generis* do mundo. Isso não impede, obviamente, de que haja um diálogo entre a elaboração artística e a exterioridade prática representada por ela.

Considerar uma produção estética apenas um artefato material é, de certa maneira, limitar os ângulos a partir dos quais se pode conceber a criação artística. Uma das leituras viáveis, em se tratando de concepção do texto literário, está na possibilidade de a obra refletir sobre aspectos sociais.

Partindo desse princípio, ao trazer à tona as reverberações sociais atingidas pela literatura, o conceito de regionalismo aparece como manifestação específica da arte no sentido de focar aspectos particulares de uma determinada localidade. No entanto, não se pode perder de vista o fato de que é equivocada uma associação automática entre a ideia de regional e a aparência de localismo que se nota em uma região. É preciso analisar mais

cautelosamente para entender como esse complexo conceito se dá ante um texto literário, por exemplo.

A fim de ilustrar os meandros da noção de regionalismo, tomamos como base o romance do escritor cearense Antônio Sales, *Aves de arribação*, que inicialmente foi “[...] conhecido em folhetins do Correio da Manhã, jornal carioca, em 1903, e publicado em livro em 1914” (Marques, 2018, p. 77).

Entre os romances sertanejos contemporâneos de sua época, esta produção literária expressa a conexão entre a realidade descrita a partir da observação de fatos reais e transpassada para o universo da fantasia por meio do revestimento literário, que segundo Silva (2002), apresenta-nos o contraste entre os processos sociais sertanejos e os citadinos, entre o requinte da civilização e a nudeza do mato, de modo a caracterizar-se como um romance regional psicológico costumista.

Assim, por considerarmos esta obra constituída de elementos característicos do aspecto regional, em que o psicológico é influenciado pelo viés costumista, afirmamos poder ser situada, ainda, como um romance de costumes, em que há a preocupação do autor em levar aos leitores uma visão das peculiaridades da gente e da terra cearense. Nesse contexto, a descrição das personagens perpassa dois ângulos de observação da realidade, o intelectual e o sensitivo, atingindo o regional, mesclando-o com o psicológico formador de cada ser, o que dá à obra um caráter de universalidade, possibilitando ao leitor relacionar os personagens com a sua realidade circundante, encontrando em cada um deles traços de caráter que podem ser observados em nosso entorno.

Antônio Sales, na composição das personagens de *Aves de Arribação* (2009), procura mostrar as intimidades de cada uma delas em seu aparente desprestígio, ao mesmo tempo em que revela a riqueza do conteúdo humano que envolve o conjunto do enredo, retratando-os ora com ternura, ora de forma burlesca. O comportamento das personagens é baseado nos

hábitos e nos costumes locais, tais como: as rodas de palestras nos fins de tarde, os hábitos cotidianos de deitar na rede, de frequentar a feira e de ir à missa aos domingos; as fofocas típicas de pequenos lugarejos, os banhos de rio, além da descrição da paisagem nordestina, com sua vegetação e suas aves típicas, que configuram a tentativa de certa inclinação a registrar a vida trivial do interior.

É possível considerar que costumes e hábitos cultivados por uma determinada comunidade contribuem para o resgate da identidade coletiva de um povo, visto que são rituais que se perpetuam de geração em geração, encontram raízes no passado histórico e constroem o cotidiano e a cultura de um local.

Nesse sentido, o presente artigo busca, pois, analisar como tais elementos, aproximados ao contexto regional, contribuem para resgatar a identidade cearense na obra *Aves de arribação*, através de um estudo bibliográfico, partindo dos postulados de Miguel-Pereira (1973), de Azevedo (1982), de Santos (2008), especialmente no que se refere ao regionalismo; também com base em Barreira (1948), em Silva (2002), em Brito (2012) e em Marques (2018), mais especificamente em relação ao romance *Aves de arribação* e suas particularidades; e, ainda, partimos de contribuições de Silva (2012) e de Woodward (2012) sobre a temática da identidade, e de Barroso (2006), no que se refere aos elementos que compõem a identidade do povo e do sertão cearense.

Em se tratando do *corpus* para tratamento analítico, foram selecionados, para a realização da análise e da discussão acerca da temática, 12 excertos do romance *Aves de arribação*, cuja escolha foi guiada com a finalidade de mostrar a diversificação da presença de elementos regionais na referida obra.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: nas seções a seguir, trazemos, respectivamente, a discussão acerca de identidade e de regionalismo e uma interpretação dos

elementos regionais nos excertos da obra de Antônio Sales. Logo depois, apresentamos as considerações finais.

## **2 IDENTIDADE E REGIONALISMO**

Inicialmente, é válido dizer que não há uma formulação teórica totalmente definida acerca da temática da identidade. Diversas são as abordagens a ela destinadas, e a apreensão do termo se altera de acordo com o ângulo utilizado. Ainda assim, em certa medida, entende-se que é um componente que pode estar voltado à ideia de construção, tanto em um viés individual quanto concernente ao coletivo, e depende de vários aspectos para ser construída. No âmbito coletivo, considera-se uma construção social, uma vez que é edificada por um grupo de indivíduos que mantêm uma tradição – termo também passível de problematização – e é produzida através dos atos de linguagem.

Silva (2012, p. 9) afirma que a “identidade é relacional e é marcada pela diferença”, ou seja, “depende de outra para existir ou difere dela”, e “a diferença é sustentada pela exclusão”. Isso quer dizer que, na medida em que alguém se diz pertencente a determinada etnia, há um potencial afastamento de outro tipo de vertente cultural, processo este não isento de diálogos e de contradições. Apesar disso, dadas as múltiplas formas de relação cultural, Silva (2012, p. 8) ainda postula que as “identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representadas”. Sob essa ótica, a linguagem e os símbolos refletem uma identidade, sendo estes tomados como objetos característicos de uma determinada cultura ou nação, por exemplo, uma bandeira nacional, cuja representatividade confere uma espécie de sentimento de pertencimento, muitas vezes ligado a determinados grupos humanos.

Dessa forma, a linguagem e os símbolos que contribuem para a caracterização da identidade brasileira são diferentes dos elementos que marcam a identidade americana, por exemplo. “Uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos”, na visão de Silva (2012, p. 11). Nesse contexto, para reafirmar uma identidade, é preciso buscá-la no passado. Com isso, é comum haver um resgate da ancestralidade, uma busca pelos preâmbulos históricos e pelos elementos constituintes de tal similaridade.

Ademais, Silva (2012, p. 77) relaciona a identidade à diferença, reiterando que são elementos interdependentes: “[...] A definição da identidade brasileira, por exemplo, é o resultado da criação de variados e complexos atos linguísticos que a definem como sendo diferente de outras identidades nacionais”. Nessa perspectiva, Woodward (2012, p. 42) também afirma que “a diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções [...]”. Diante disso, pode-se depreender que a identidade de um estado, por exemplo, é marcada por características comuns aos que pertencem a ele, que podem ser percebidas em outros lugares da mesma região, mas também marcada por aspectos que os singularizam em relação a outras regiões do país.

Observar fatores relacionados aos aspectos culturais que particularizam uma região, embora seja tarefa delicada, pela própria singularidade dos fenômenos humanos estendidos ao longo do tempo, possibilita uma espécie de movimento de resgate da identidade. Isso porque a recuperação de elementos cuja permanência, em dadas circunstâncias, distingue uma localidade de outra, faz erigir uma espécie de parâmetro próprio dentro do qual se vai reconhecer uma condição espaço-temporal específica, ainda que detentora de contradições em alguns momentos.

Assim, o componente regionalista pode associar-se ao ângulo da caracterização do espaço enquanto ambiente singular de cultura, o que o torna um dos recursos contribuintes

para a edificação da identidade, uma vez que representa o conjunto plural de manifestações, tais como as tradições e as crenças de uma determinada região, diferenciando-a de outras, apresentando-a de modo particular.

Em linhas gerais, pode-se dizer que o regionalismo, enquanto tendência literária, tem ligações com o Romantismo, figurado, por exemplo, a partir de nomes como Visconde de Taunay, Franklin Távora e José de Alencar, além de ter sido retomado pelo Modernismo de 1930. Deste movimento, alguns dos principais representantes que não se pode deixar de destacar são Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Érico Veríssimo. E, mais adiante, em 1945, Guimarães Rosa destaca-se como principal expoente da literatura regionalista.

É preciso assinalar que tanto o Romantismo quanto o Modernismo compartilham do termo “regionalismo”, todavia, a ocorrência do regional não foi, obviamente, a mesma nos dois casos. Dentre os motivos que explicam essa distinção, nota-se que o primeiro movimento enfocava um discurso acentuadamente idealizado; já o segundo, por sua vez, imprimia uma visão menos tingida desses traços utópicos, chegando a ser chamado também, por parte de alguns estudiosos, de movimento "neorrealista".

Nesse contexto, basicamente, pode-se conceituar o regionalismo como uma tendência que focaliza uma região, buscando retratá-la em alguns aspectos peculiares, conforme se pode depreender da interpretação de Santos (2008, p. 4):

[...] um olhar reflexivo constata que o regionalismo *stricto sensu* é representado ainda hoje através das peculiaridades de uma dada região, vista em oposição às demais ou à totalidade nacional, seja em decorrência de um fundo natural – clima, topografia, flora, fauna, etc. – e principalmente pelo “como” as maneiras de uma sociedade humana, numa dada região, a tornaram distinta de outra.

Isso quer dizer que mais relevante do que apenas a representação imediata de uma região, o viés regionalista reside na captação da essência de determinada localidade,

transpondo para o universo ficcional a aparência de fundo e forma que parece vigorar, em primeiro momento, como modelo para composição de uma obra literária. Assim sendo, somando-se aos fatores dentro dos quais se ambienta o espaço, à delimitação atenta dos componentes formadores daquela cultura, os elementos regionais contribuem para o florescimento das reais peculiaridades do local. Fica clara, assim, a importância primordial não apenas acerca de onde se fala, mas de como vão ser representadas as características essenciais do espaço especificado.

Miguel-Pereira (1973) já assinalara que apenas podem ser consideradas pertencentes ao regionalismo obras que visem, primordialmente, a fixar tipos, costumes, linguagens de um determinado local e que a ambientação situada apresente características habituais e um modo de viver diferenciados em relação a outros ambientes.

Entretanto, o termo regionalismo é considerado problemático em relação a sua conceituação, de acordo com Santos (2008), haja vista a crítica literária debater que características provenientes da literatura de determinada região se configuram como localismo, em termos terminológicos. Independentemente de escolhas terminológicas, Santos (2008, p. 5) preconiza:

[...] regionalismo e/ou localismo põem em demanda, por um lado, uma atitude de valorização da cor local na ficção, a paisagem da campanha, paisagem interiorana, paisagem fronteiriça, influxos de migrações e ainda, por outro, abrem-se de modo positivo para uma reflexão mais ampla e integradora da dialética globalização *versus* localização, constituindo a perspectiva crítica atualmente mais produtiva, baseada num discurso crítico latino-americano hoje solidamente constituído.

Pode-se depreender, desse modo, que a flutuação terminológica em torno do caráter do regional acaba por dar espaço para a discussão acerca do que se pode considerar global e/ou local, universal e/ou particular, formatando um debate construtivo que, todavia, ultrapassaria os limites do espaço e da temática deste texto.

Dado o exposto, é preciso, portanto, entender que nem toda obra que apresenta uma região se enquadra no que se convencionou chamar de regionalismo. Sem essa unidade, isto é, a organicidade dos fatores culturais que distinguem os limites de um local, não é possível associar uma determinada obra a esse conceito. Vale reiterar que o processo de delimitação dessas características não é, obviamente, um critério sempre linear e tranquilo. Há traços culturais compartilhados por mais de uma região. Apesar disso, o conjunto de manifestações tomado como pertencente a uma determinada população em especial acaba por singularizar esse povo, fortalecendo indícios de uma cultura que não se confunde deliberadamente com outra, mesmo com algumas recorrências.

Com base nisso, compreende-se que o regionalismo, na mais completa caracterização que cabe ao termo, ou mesmo o que se poderia considerar indícios, traços, ou configurações regionalistas, focalizando tipos, costumes, tradições, linguagem e paisagem locais, acaba por contribuir para o resgate da identidade de uma determinada localidade.

### **3 ELEMENTOS REGIONAIS NO RESGATE DA IDENTIDADE EM *AVES DE ARRIBAÇÃO***

*Aves de arribação* é um romance que compõe, junto com poesias, ensaios e crônicas, a produção literária do escritor Antônio Sales. O cearense foi participante ativo da imprensa literária, na cidade do Rio de Janeiro, bem como da Academia Brasileira de Letras. Na Academia Cearense de Letras, ocupou a cadeira de número 20 (Marques, 2018). Sales idealizou e fundou, em 1892, a Padaria Espiritual<sup>4</sup>, uma entidade literária liderada pelo cearense, composta por nomes como Rodolfo Teófilo e Adolfo Caminha (Brito, 2012).

---

<sup>4</sup> O termo se refere à pretensão de fornecer o pão literário para o espírito. A originalidade da agremiação, cujo propósito primordial era instigar nos cearenses o gosto pelo texto literário, despertou curiosidade não só local, mas também nacional. “O Pão” era o nome do jornal quinzenal em que eram publicadas as produções, chamadas “fornadas”, dos “padeiros”, membros do grupo literário, em que o presidente era o “Padeiro-Mor”, os secretários eram os “Fornheiros”, o tesoureiro, o “Gaveta”, o bibliotecário, o “Guarda-Livros”, os sócios, os “Amassadores” (Azevedo, 1982; Brito, 2012).

O referido romance, situado nos primeiros anos da República, descreve, sobretudo, o cotidiano de Ipuçaba, cidadezinha do interior cearense, seus costumes e suas figuras. O principal fato em torno do qual se desenvolve o enredo é a chegada do novo promotor da cidade, o sobrinho do padre, Alípio, rapaz fútil e sedutor, que fora recepcionado e apresentado à cidade, e, de forma especial, se encantara por Florzinha, uma moça ingênua e tímida, filha do coletor de impostos Asclepiades, que queria o casamento dela com o rapaz recém-chegado, e por Bilinha, uma professora esbelta e sensual.

O promotor visita a professora com frequência, de modo que ela fica mal falada na cidade, devido às fofocas típicas de lugares pequenos, onde todos se conhecem. Após ser seduzida por Alípio, Bilinha se preocupa com sua reputação e com a possibilidade de não conseguir se casar. Porém, um negociador de cavalos recém-chegado a Ipuçaba encanta-se pela jovem, e, acreditando que ela era viúva, pede sua mão em casamento. Para se distanciar das más línguas da cidade, a professora pede ao noivo que vivam em outro lugar. Assim, o casal vai embora de Ipuçaba.

Após a partida da professora, um maior interesse do promotor por Florzinha surge quando o rapaz adoecer e vai se tratar na fazenda do tio da moça, que está passando uma temporada no local. A aproximação gerada pela ocasião leva Alípio a tornar-se noivo da filha do coletor, que fica à espera do pretendente quando este viaja para a capital.

Bilinha e Alípio partem para encontrarem um clima mais ameno para suas vidas, enquanto Florzinha fica à espera da incerta volta do noivo. Em meio ao triângulo amoroso, o autor vai apresentando as figuras ipuçabenses, os costumes, as paisagens locais, que fogem à tradicional descrição de um sertão tórrido, seco, e também os conflitos políticos entre adversários que alteram os ânimos dos envolvidos e estremecem algumas relações pessoais.

No que se refere a características do romance, Azevedo (1982, p. 31) faz a seguinte afirmação em relação à definição que Miguel-Pereira (1973) estabelece sobre essa obra: “[...]”

seria de esperar que a escritora incluisse ‘Aves de Arribação’ na linha regionalista, visto podermos encontrar no romance os principais elementos que a autora de *Prosa de Ficção* considera essenciais à narrativa regionalista”. O comentário feito pelo crítico ratifica a atribuição do romance ao viés regionalista. O mesmo autor ainda faz uma consideração importante a respeito da obra cearense e do regionalismo:

A nosso ver, o romance de Antônio Sales pode ser classificado como uma obra realista, dentro da qual podemos encontrar [...] características regionalistas, naturalistas e psicológicas. Quanto ao Regionalismo, não o entendemos como uma corrente estilística, [...], mas como uma tendência que vem, como não se desconhece, desde o Romantismo, com José de Alencar, Bernardo Guimarães e Franklin Távora, passando por Taunay e desembocando no Realismo, com Rodolfo Teófilo, Afonso Arinos, Oliveira Paiva e Domingos Olímpio, e outros, vindo até o Modernismo. Para nós, a designação “romance regionalista” ostenta o mesmo valor da designação “romance urbano”, ou seja, identificação de um traço específico (no caso do Regionalismo, o *genius loci*) dentro da literatura, mas não uma corrente independente (Azevedo, 1982, p. 31).

Observa-se, então, uma extensão do entendimento acerca da obra de Antônio Sales quanto a sua classificação realista, com outras características entre as quais se encontra o regionalismo, compreendido por Azevedo (1982) como uma denominação do romance baseada em características voltadas a aspectos do local retratado na narrativa.

Azevedo (1982, p. 42) acrescenta, ainda, que *Aves de arribação* “é obra realista, com alguns traços naturalistas, mas dominada sobretudo pelo estudo dos costumes cearenses – o que lhe confere caráter regionalista – e onde o universalismo está na complexidade psicológica de alguns personagens”. Transpondo a standardização em moldes simplistas, há uma penetração no âmbito do Realismo, posto que se nota uma problematização do contexto social, vide, por exemplo, questões como a seca ou o êxodo rural; também evidenciada, em algumas ocasiões, com grau menos acentuado, o que desemboca no que se convencionou chamar de Naturalismo, e, por fim, a consideração da esfera psicológica, mas,

ao mesmo tempo universal, ilustrada na explicitação dos diversos perfis comportamentais das figuras associadas ao nordestino. Pode-se encontrar até mesmo ecos no Modernismo, certificados, sobretudo, quando a abordagem do regional se configura como uma espécie de retorno à reflexão sobre o próprio Brasil e representa um traço nacionalista. Antônio Sales é, pois, um nome significativo na afirmação do caráter regionalista da literatura cearense.

Em *Aves de arribação*, percebe-se que os elementos regionais erigem uma visão identitária própria do que se encontrava nas pequenas localidades interioranas do Ceará. Segundo Azevedo (1982, p. 33):

Com efeito, não poderia haver pintura mais verdadeira de uma cidade do interior cearense dos fins do século passado, com suas rodas de palestras, jogos de gamão, mexericos, namoros, o vispora, o júri fraudulento, as figuras típicas, como o padre, o coletor, o escrivão, e mais os chefes políticos, aspectos dos quais alguns permanecem ainda hoje bem vivos [...].

As “tintas” utilizadas para compor a imagem da pequena localidade enfocam justamente o comportamento trivial e controverso dos moradores, elencado desde os simples jogos até os atos corruptos das grandes autoridades. Além disso, a menção à representatividade social mostra o quão acentuado é o papel de cada um dentro da estrutura coletiva. As pessoas, em muitas das ocasiões, não são conhecidas unicamente pelos seus nomes, e sim pela função que exercem na cidade. Esse tipo de adjetivação parece primitivo e afastado da realidade moderna dos grandes centros, mas, pelo contrário, é patente até a contemporaneidade, guardadas as devidas proporções em relação ao passado.

No conjunto característico de regionalismo, também pode ser incluída a paisagem formada pelo período de inverno. Se a seca, por um lado, é fenômeno constante nas descrições estereotipadas do Nordeste, pela intensidade da devastação e do êxodo promovido pela precariedade material, quando agraciado pelo tempo chuvoso, o olhar do nordestino

contempla a vida que brota, seja no despontar multicolor das corolas, no fluxo caudaloso do rio, ou mesmo no sol que se despede do dia com a chegada das sombras da noite.

Além disso, segundo Barreira (1948), *Aves de arribação* apresenta um contraste entre a representação social da vida dos sertanejos e dos costumes citadinos, num jogo antagônico que se estabelece entre o matuto e o praciano, a sensualidade da professora letrada e a timidez da donzela em sua adolescência ignorante. Essas descrições dos tipos e dos costumes locais vão sendo descritos no decorrer da história, de forma a dar colorido ao enredo que se constrói em torno da pequena Ipuçaba. A fim de ilustrar esse quesito regional, pode-se perceber uma série de passagens exemplificativas. Eis um exemplo inicial que retrata a rotina das pequenas cidades do interior cearense do início século XX:

As duas rodas clássicas de palestra [...] sofreram desagregações parciais, e os elementos soltos foram reunir-se no campo mais ou menos neutro da calçada do novo vigário. Essa roda se formava à tardinha, quando uma larga faixa de sombra se projetava na praça forrada do tapete de capim aparado baixinho pelos animais, a pastar por ali peados, tilintando monotonamente os chocalhos. Com seu gorro de veludo preto, [...] vinha o vigário fumar o seu cigarro, sentado numa cadeira de pico forrada com um couro de raposa curtido em cabelo (Sales, 2009, p. 9).

Um aspecto regional que pode ser destacado na passagem acima é o costume cearense de se fazer rodas de conversa “à tardinha”. Outro elemento regional que pode ser destacado é a cadeira de couro de raposa curtido em cabelo, objeto bem tradicional de algumas casas cearenses, símbolo que também auxilia na caracterização da identidade regional da obra. O ambiente da cena, por sua vez, demonstra o contexto interiorano, pois a faixa de sombra recobria o “tapete de capim” que os animais aparavam. A convivência entre humanos e animais utilitários não era estranha a esse tipo de paisagem. Embora não se esteja limitando esse cenário ao meio rural nordestino, é de se afirmar a pertinência desse tipo de circunstância na percepção da cultura desse povo.

A fim de ilustrar mais uma passagem em que se retrata outra configuração regional, observem-se as experiências em relação ao inverno, no sentido de saber se choveria ou não, preocupação típica dos sertanejos os quais sofrem com a seca que assola a região em muitas épocas:

Havia, porém, dias mais propícios à palestra [...]. Estava-se no começo do ano e a questão – haverá inverno ou não? [...]. Uns confiavam que sim, outros temiam que não. Tinha-se feito a experiência das nove pedras de sal e dava chuva em fevereiro. Entretanto, as serras ao longe amanheciam cinzentas e a lua não tinha lagoa, o que era mau sinal de tempo. Em compensação, relampeara ao sul e o aracati já não soprava à noite sobre a cidade, o que indicava aguaceiros próximos. Um chalaceava:  
 — Eu tenho uma opinião infalível sobre inverno, mas só posso dá-la em junho.  
 Outro narrava a história de um caboclo que [...] olhando para os matos, exclamara; “Hei! Patrão, este ano não temos chuva!”  
 — Por quê?  
 — Porque as carnaúbas estão fulorando.  
 [...]. (Sales, 2009, p. 10).

A indagação quanto ao “inverno”, feita logo no início do ano, longe de ser questionamento desprezioso, assinala aquilo que determinaria a produtividade das lavouras no sertão: o advento da chuva garantiria a fertilidade do solo e o florescimento da plantação. Em situação contrária, as dificuldades na colheita se estenderiam para a perspectiva econômica, o que traria, conseqüentemente, dificuldades para o sustento das famílias empenhadas nesse tipo de serviço. Como se tratava de um tema de relevância para o povo, estratégias de “previsão” eram desenvolvidas, na ânsia de alimentar a expectativa ou o desespero. As “nove pedras de sal”, a falta de lagoa na lua, os relâmpagos, o silêncio no sopro dos aracatis e o “fulorar” das carnaúbas, tudo isso servia de parâmetro para os sertanejos “interpretarem” a vinda, ou não, das chuvas.

Por outro lado, as crendices populares são marcas do povo cearense e se revelam muito comuns no universo do sertanejo, constituindo também aspecto significativo no

regionalismo na obra de Sales. Uma manifestação do ideário popular, relativo à crença da terra, pode ser percebida no trecho abaixo:

Um cavaleiro cortou rapidamente o lado oposto da praça.  
 — É o Pinheiro. Aonde ele irá?  
 — Vai curar de cobra uma filha do Severiano, informou o escrivão Casimiro, que era vizinho do Pinheiro e chegara por último.  
 — No Trapiá? Já a encontra defunta.  
 — Mas se não encontrar, está salva. O Pinheiro levou a pedra de veado.  
 — Qual pedra, qual nada! Contestou o Lucas bodegueiro; eu, se for mordido por uma dessas malditas, mando chamar aqui, mas é seu vigário para confessar-me (Sales, 2009, p. 10-11).

Ante o infortúnio de sofrer uma picada de cobra, a alternativa comum pensada para muitos homens de vida simples, instalados no interior das cidadezinhas, ou mesmo do campo, é recorrer à medicina natural, aos hábitos arraigados durante o tempo, ou até mesmo à divindade, a fim de interceder na resolução do problema. Se, para alguns, a melhor estratégia estaria na “pedra do veado”, para outros, o que resta é o ritual da confissão com o padre, sabido o destino último que esperava a vítima.

Acerca da multiplicidade existente no imaginário coletivo, Barroso (2006, p. 109), na sua obra *Terra de sol*, faz algumas considerações em relação às crenças do sertão:

Não há povo mais cheio de credices, mais propenso a acreditar em bruxedos, do que o sertanejo. [...]. No sertão, cada ribeira, cada região, cada povoado, tem o seu curandeiro – médico e nigromante ao mesmo tempo. [...]. Em casa vão consultá-lo para tudo: [...], para salvar pessoas mordidas de cobra, levantar espinhelas caídas, fazer passar dores atrozes de dentes, [...] “curar” ou “fechar” corpos às facadas, às balas, à água e às presas afiadas das serpentes.

O povo do sertão é caracterizado por se encontrar profundamente imerso em práticas culturais alternativas, distante dos parâmetros oficiais das elites dos grandes centros. Não que inexistam particularidades como estas, no entanto, é no interior que elas geralmente atingem maiores proporções, sobretudo no que concerne ao Brasil de fins do século XIX até

a chegada do século XX. Fiar-se nas figuras enigmáticas e proféticas dos curandeiros, dos rezadores, com o intuito de livrar-se de padecimentos físicos ou espirituais era uma constante no cotidiano das pessoas para quem a fé dividia o poder com a ciência.

Sobre os costumes fincados no modo de vida dos sertanejos, que também representam configurações regionais, verifica-se que os hábitos de ir à feira e à missa aos domingos são também características muito cultivadas pelos cearenses, como se percebe na citação seguir:

Nessas localidades sertanejas, o domingo é o dia de movimento comercial, de faina interesseira: o próprio matuto que vem à missa aproveita o ensejo para suas transações de compra e venda, [...].  
Nas árvores [...] estavam amarrados animais, cujos donos andavam pelas lojas a fazer compras, a bebericar e a dar a língua com os conhecidos.  
[...] No espaço compreendido entre o barracão e as casas de comércio, pompeava ao ar livre, o bazar dos cereais, das frutas, dos mantimentos e dos produtos das indústrias populares. Tabuleiros de bananas, rumas de laranjas, – [...]; urupemas e cestos; queijos e beijus, redes e rendas, tudo se via ali (Sales, 2009, p. 41).

O exercício da espiritualidade, assinalado pela ida dominical à missa, torna-se subsídio para o desenvolvimento da “faina interesseira”. Além das orações, transações comerciais das mais diversas ordens ocorrem, alimentando os pequenos comerciantes e abastecendo os fiéis, tanto de bênçãos, pelo ritual religioso, quanto de produtos obtidos e de conversas fiadas, trocadas entre os moradores da região. A fé acaba por ser combustível para a manutenção da comunidade, desempenhando, portanto, papel de centro comercial.

Os animais amarrados, as frutas diversas, os “produtos das indústrias populares”, tudo isso ilustra a diversificação que se fazia em domingo de comércio. Aproveitando a oportunidade para “dar língua aos conhecidos”, pechinchar, renovar os materiais básicos de casa, o modo como os populares travam contato é permeado pela informalidade e por elementos próximos à cultura cotidiana, regional, por assim dizer.

A feira de Ipuçaba retrata características bastante associadas ao que se entende por comportamentos populares, muitas vezes tidos como regionalistas. Lá se encontram tipos que vivem a fazer mexericos das vidas dos outros, hábito frequentemente atribuído às cidades pequenas, embora se saiba do determinismo dessa afirmativa. Lá são vendidos frutas e objetos que demonstram a vegetação e o artesanato do Ceará, assim como a rede, outro símbolo cearense e nordestino, muito usada pelos ipuçabenses: “Mais tarde o capitão Galdino saiu a suas ocupações – [...]; o vigário ferrou um sono lá para um canto do alpendre com a varanda da rede por cima do rosto por causa das moscas; [...]” (Sales, 2009, p. 138).

As condições de vida concorriam para esta simplicidade. A peça de tecido utilizada para dormir está presente na história do Nordeste. A relativa facilidade de acesso, a praticidade do uso, a precariedade de muitas habitações são fatores os quais “consagraram” esse recurso tão popular em determinados lugares do Brasil.

Os cearenses costumam deitar à rede, principalmente ao meio-dia, nos alpendres, que já eram lugares próprios da casa para se fazer isso, como afirma Barroso (2006, p. 135), quando descreve as casas sertanejas: “As paredes e as forquilhas dos alpendres são cobertas de pregos e de ganchos, em que o matuto arma redes para dormir e descansar, [...]”. Em oposição às horas de labuta no campo, como era comum de acontecer, o tecido suspenso na parede significava o momento de aliviar-se da faina pesada e repetitiva do dia a dia.

Em *Aves de arribação*, a paisagem nordestina também é bem retratada com a descrição do amanhecer cearense, outra marca que, por intermédio de uma linguagem, inclusive, poética, suscita a ideia de regionalismo:

A começar das cinco horas, cavaleiros começaram a chegar. Uma penumbra fugitiva envolvia suavemente a cidade imersa ainda num sono discreto e profundo [...]. Os galos amiudavam os seus cantos, que se repetiam de quintal em quintal num concertante wagneriano, garganteados em tons vários – notas grossas e arrastadas de galos velhos, outras limpas e retinidas de galos novos, [...]. Nas pausas da sinfonia ainda se ouviam,

reduzidas à surdina, pela distância, as escalas estrídulas das seriemas (Sales, 2009, p. 18).

A “penumbra fugitiva” que recobria o céu corresponde à noite que vai minguando e, em seu lugar, dando espaço para os raios de sol que nascem, tão silenciosos que ainda não acordam os moradores. Os galos, por sua vez, não simplesmente cantavam, realizavam metaforicamente um concerto digno do compositor alemão Wagner, instaurando uma aura magnânima e eufônica ao acontecimento. Intercalando este “coro”, havia ainda as seriemas, singelas, mas não menos importantes na descrição. Essa ilustração e seus detalhes compõem uma cena comum do amanhecer do Nordeste.

O narrador continua descrevendo a paisagem nordestina, fazendo menção às aves típicas desta região, como se percebe no excerto seguinte:

Vai alta e radiosa a manhã; estão a postos todos os cantores da mata. [...].  
 O bem-te-vi é maldizente e sarcástico. [...].  
 O bom-é, [...], apenas possui no seu registro vocal as duas notas com que anuncia a exclamação aprovadora da qual lhe provém o nome. [...].  
 [...], o canção se diverte em arremedar todos os pássaros [...].  
 O azulão nada tem de notável senão a sua bela plumagem, [...].  
 E agora, ouçam-me aquela voz magoada a modular gemidos de saudade, [...]. É a juriti que está a carpir o seu eterno sofrer [...] (Sales, 2009, p. 75-76).

Em anúnciação das aves, cujos cantos são conhecidos dos cearenses, listam-se breves traços delas, no que concerne à qualidade das “vozes”, que permitem ao cearense reconhecê-las. O bom-é tem na sua “voz” a justificativa na qual se ampara seu nome. Outro pássaro mencionado, o canção, ao repetir jocosamente seus semelhantes, regozija-se; além dele, o revestimento de plumas do azulão é o que se destaca; é triste e sofrido o som que emana da juriti. Essa caracterização genérica é, ao mesmo tempo, lírica, pelo modo como ocorre, e valorativa, haja vista enfocar a fauna encontrada na localidade de onde se fala. Não é, pois, a lembrança da ausência romântica de cantar o próprio lar.

Nesse sentido, Barroso (2006, p. 69) afirma: “A África e a Argentina têm gafanhotos; a Austrália – coelhos; o Ceará tem as avoantes.” Assim, as muitas avoantes que enfeitam as paisagens nordestinas contribuem também para a caracterização do regional em *Aves de arribação*, cujo título remete, aliás, às aves migratórias, que não têm uma estadia fixa, aludindo, assim, aos personagens Alípio, o promotor que chegara à pequena cidade, e Bilinha, a professora seduzida e desprezada pelo pracião, o qual deixa Florzinha, noiva que lhe foi prometida, à sua espera, e parte para Fortaleza. Alípio e Bilinha, no desfecho do livro, vão embora de Ipuçaba, em busca de condições melhores, assim como ocorre com as aves de arribação.

Antônio Sales descreve o Ceará em seus costumes, crenças, paisagens, fauna e também a vegetação cearense em época de inverno, o que revela um aspecto significativo em *Aves de arribação*, uma vez que descreve um sertão florido, destoando do estereótipo agreste ao qual toda a região nordestina está geralmente submetida:

[...] – tudo verde, tudo florido, tudo luminoso, tudo balsâmico: Ceres e Flora davam-se as mãos para enganalar o sertão [...] (Sales, 2009, p. 105).

[...] a bela estrada, forrada de uma areia grossa e lavada pelas chuvas, produzia sob as patas das cavalgaduras, como um rumor de seda machucada [...] (Sales, 2009, p. 130-131).

A adjetivação não é empregada de modo ocasional na descrição do cenário. “Verde”, “florado”, “luminoso” e “balsâmico” salientam traços estéticos que positivam a imagem apresentada. Somada à conceituação genérica de “tudo”, o tom esverdeado identifica a natureza em estado de plenitude, preenchida de sua potencialidade de surgimento; o termo seguinte coaduna-se com essa ideia, acentuando ainda a diversidade de cores existente nas flores que brotam. Por sua vez, a luminosidade – advinda do sol que aclara a visão sobre esta beleza – garante o brilho de cada detalhe natural. Já o caráter balsâmico, por fim, além de

ativar o perfume das flores, ainda revigora os ânimos daquele que percebe toda essa manifestação natural.

A “areia grossa” que forma a estrada, tendo sido revestida pelas águas pluviais, faz com que os passos tomem forma de “seda machucada”, em uma impressão enfática e, de certa maneira, hiperbólica, do conforto e da singularidade de seu revestimento. É possível assinalar, por assim dizer, um olhar até mesmo lírico, no que compete à maneira como a natureza regional é explicitada. Nesse contexto, sobre a descrição da paisagem na obra de Sales, Silva (2002, p. 137) tece o seguinte comentário:

[...] transferindo adrede o autor, o palco dos acontecimentos para o alto sertão, onde costumeiramente impera a caatinga e a sede, centro do Estado, enseja a alguns autores e críticos literários, ao analisarem AVES DE ARRIBAÇÃO, cujo título mesmo sugere retirantes da seca, digam, afirmem, que Antônio Sales inovou, ao apresentar lúbricos e verdejantes lugares, onde rios e riachos correm perenes; ao contrário do tórrido interior, tantas vezes lamentado em crônicas várias.

O Ceará verde, com rios e riachos cheios, reafirma uma imagem distinta do que o olhar comum e imediato está acostumado a ver. Apesar de não estar totalmente livre da visão desértica impressa pela seca, além de suas consequências, como a miséria, a fome e a morte, o romance enfoca outro ângulo. Se o contexto de êxodo é frequente, dadas as intempéries da estação de estio, Antônio Sales “fotografa” o estado em que o espaço é revestido de vida, contrastando com a longa e dolorosa época de ausências, sobretudo pela escassez de chuvas. No entanto, o escritor cearense também menciona a seca, já que esta acaba atuando como uma marca da região Nordeste, descrita, por exemplo, por grandes escritores nordestinos, como Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos:

Em breve viria o verão áspero e implacável cortando os rios e dessecando as grandes lagoas azuladas, [...]. Em breve toda a folhagem cairia [...]. Fugiriam todas as aves joviais e delicadas que só podem viver no frescor veludoso dos recessos virentes, [...] (Sales, 2009, p. 213).

Os termos utilizados para caracterizar o verão esclarecem o potencial devastador deste para o espaço nordestino. A “aspereza” dele “corta” os rios e “desseca” as “grandes lagoas azuladas”, isto é, a intensidade dos raios solares constantes e inexoráveis ataca as águas, de modo que estas perecem ante o ardor inclemente. Como resultado, a queda das folhas e a fuga das aves aponta a devastação das condições propícias à sobrevivência. Mesmo não centrando o enredo nestes difíceis tempos, o narrador não deixa de notar o contraste de estações.

Ademais, a linguagem peculiar do povo cearense e nordestino também é marca de uma perspectiva próxima ao regionalismo na obra *Aves de arribação*, e é também um símbolo da identidade da obra. Pode-se perceber expressões típicas nos excertos seguintes:

[...] Casimiro entrou com eles duas horas depois, suado, importante, como uma pessoa que se sente útil. Fizera *fincapé* na botica para não sair sem os remédios (Sales, 2009, p. 128, grifo nosso).

— Mas eu não gosto dele! Não quero ouvir falar nisso! bradou Florzinha com exaltação, sentando-se subitamente na rede. Se me *aperrearem* muito, hei de acabar por tomar-lhe ódio e de não lhe aparecer mais nunca (Sales, 2009, p. 71, grifo nosso).

O termo “fincapé” alude ao sentido de fincar, cravar, fixar os pés em determinado lugar, e, em outras palavras, esperar o tempo necessário até conseguir o que se deseja. Assim, Casimiro grudou os pés na botica, o que conhecemos por farmácia, até que conseguisse obter os remédios que foi buscar.

Para demonstrar a desaprovação de Florzinha em relação ao seu pretendente, é utilizada a expressão “aperrearem”, muito comum no Ceará, lida com a ideia de aborrecer, de insistir em ato que perturba. A moça é taxativa, e o verbo empregado deixa clara a intenção de manter o afastamento, de não tolerar o desagrado. Palavras dessa natureza participam efetiva e constantemente do vocabulário cearense, tão rico e múltiplo em suas construções. Fazer menção a esse tipo de linguagem confirma o propósito de Antônio Sales

de retratar esteticamente o Ceará real, permeado por uma cultura diversificada, para além da influência sofrida do estrangeirismo ao qual o Brasil se mostrou demasiadamente exposto durante sua história.

Dado o exposto, entendemos que os aspectos regionais presentes em *Aves de arribação* contribuem tanto para a construção quanto para o resgate da identidade cearense na obra. Uma vez que a identidade é uma construção social, em *Aves de arribação*, o povo ipuçabense a (re)constrói e a resgata coletivamente, mantendo costumes, crenças, tradições que caracterizam especificamente a cidade cearense e a região Nordeste.

Considerando-se que o caráter identitário é marcado pela diferença, os elementos regionais presentes na obra de Antônio Sales são comuns no Ceará e no Nordeste, ou seja, não se apresentam como marcas de outras regiões como o Sudeste e o Sul, por exemplo. São característicos, sobretudo, de cidades pequenas, como é o caso de Ipuçaba. As crenças em curandeiros, por exemplo, são uma tradição nordestina, uma identidade de seu povo, algo que o torna “diferente” dos que habitam outras regiões do Brasil.

As identidades, segundo Silva (2012), reafirmam-se e resgam-se no passado histórico, com isso, pode-se considerar que os elementos regionalmente configurados em *Aves de arribação* são características de antecedentes históricos, de tradições mantidas ao longo do tempo. São os atos linguísticos que agem efetivamente na formação da identidade. Dessa forma, a linguagem “orienta” a prática das tradições que constituem a identidade.

Logo, os elementos regionais em *Aves de arribação* constroem e resgam a identidade, não de forma a sedimentar uma interpretação estanque do comportamento coletivo regional. Bem diferente disso, dentro do potencial criativo instaurado pelas vivências populares ao longo do tempo, o romance ilustra pontos significativos na captação do aspecto cultural cearense. Se isso não isola o Ceará, como sendo dotado de práticas únicas

e fechadas em uma ambiência restritiva, demonstra que o romancista conseguiu estabelecer uma composição na qual o Nordeste é explicitado em suas singularidades e semelhanças.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há dúvidas de que a noção de identidade é uma construção simbólica edificada social e historicamente. *Aves de arribação* ilustra manifestações que descrevem não unicamente o povo da pequena Ipuçaba, mas também trazem à tona o Nordeste, sedimentado na preservação de sua forma de conceber o mundo.

A identidade do povo cearense está ligada à irreverência, à prosa cotidiana, à revisitação constante de seu passado, das memórias individuais e coletivas, e tudo isso enriquece a experiência cultural do povo enquanto representante ativo do espírito nordestino. Caracterizando seu modo de pensar e de agir, observa-se que o cearense se preocupa se as chuvas do inverno não chegam, tem o hábito de descansar e de dormir em redes, vai à feira e à missa aos domingos, usa uma linguagem popular que o marca e o diferencia dos outros povos do Brasil. Vive em um sertão florido, cheio de cantores da mata, mas um sertão que também é maltratado pela seca, que faz muitas aves arribarem. Esses elementos regionais são mantidos e passados de geração em geração, em um processo consideravelmente histórico, e contribuem no resgate da identidade cearense em *Aves de arribação*.

Longe de encerrar toda a discussão tanto acerca do regionalismo quanto da relação deste com a formação da identidade, investigar a obra de Antônio Sales oferece um extenso panorama geográfico e estético da complexa e múltipla cultura do Ceará. A literatura não está preocupada em reproduzir a vida, o contexto extratextual, ainda assim, é inegável o potencial de elaboração singular que acaba por dialogar muito com a realidade. E essa leitura subjetiva, portanto, contribui na constatação e na avaliação da experiência humana,

transpassando a esfera local e atingindo, de certa forma, uma interpretação importante do universal.

*Aves de arribação* é uma narrativa contida, sem acontecimentos trágicos, sem personagens esféricos e com cenas de sensualismo que repontam de forma velada aqui e ali no decorrer da obra, sem causar um impacto maior no leitor. Compreende-se, assim, que mais do que retratar o triângulo amoroso que se configura entre os personagens Alípio, Bilinha e Florzinha, o autor preocupou-se em retratar de forma poética, e ao mesmo tempo fiel, os costumes, as crenças, o modo de vida dos moradores e a paisagem da pequena cidade do interior cearense, descortinando as suas belezas e descrevendo em cores diversas a natureza do sertão nordestino, observada sob as suas duas estações: o inverno que traz a esperança e a certeza da fartura e da colheita; e o verão que simboliza o tempo de estio, de dureza, de quentura, de resistência e de sofrimento, tempo em que as aves e parte do povo arribam em busca de novos horizontes. A obra é essencialmente repleta de um colorido sertanejo, o que lhe confere o caráter regional e identitário da cultura popular nordestina.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, S. de. **Aspectos da literatura cearense**. Fortaleza: Edições UFC/Academia Cearense de Letras, 1982.

BARREIRA, D. **História da literatura cearense**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1987[1948].

BARROSO, G. **Terra de sol**. 8. ed. Fortaleza: ABC, 2006.

BRITO, L. Presença da Padaria Espiritual na História da Imprensa e das Artes no Ceará. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, Unesp, v. 8, n. 2, p. 67-86, jul./dez., 2012.

MARQUES, R. **Literatura cearense: outra história**. Fortaleza: Drummar, 2018.

MIGUEL-PEREIRA, L. **Prosa de Ficção**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/INL, 1973.

SALES, A. **Aves de arribação**. Fortaleza: UFC, 2009.

SANTOS, P. S. N. dos. Fronteiras do local: reverificação do conceito de regionalismo. *In*: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 2008, São Paulo – SP. **Anais [...]**. São Paulo – SP, 2008. Disponível em: [https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/015/PAULO\\_SANTO\\_S.pdf](https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/015/PAULO_SANTO_S.pdf) Acesso em: 17 jun. 2021.

SILVA, C. G. O Cenário de Aves de Arribação é Soure. **Revista do Instituto do Ceará**, ANNO CXVI, p. 127-142, 2002.

SILVA, T. T da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, T. T. da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.